

O Teosofista

Ano XX - Número 232 - Edição de Setembro de 2026

Publicação Mensal da **Loja Independente de Teosofistas** e seus Websites Associados
Email: indelodge@gmail.com - **Facebook:** SerAtento e FilosofiaEsoterica.com.

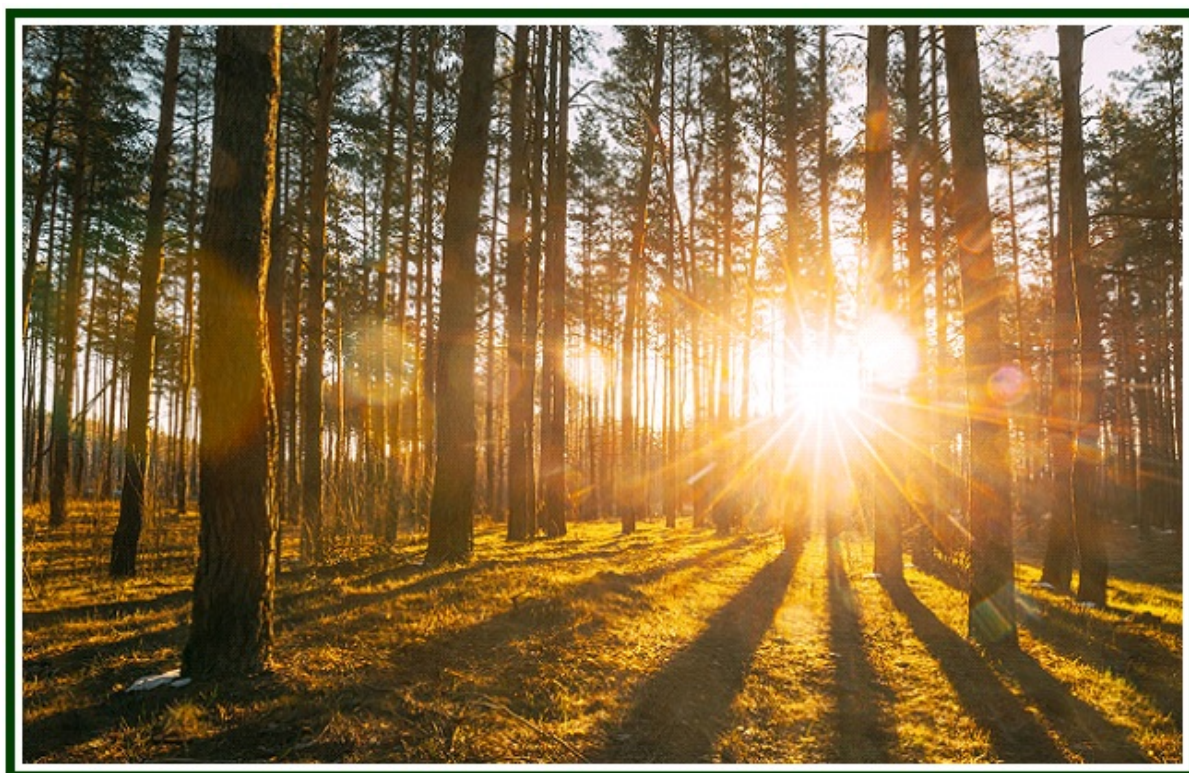
[illegible]

A Recepção da Verdade

Às Vezes é Preciso

Desaprender Certas Coisas

Alex Rambla Beltrán



Uma mente cheia de informações de todo tipo e muito sofisticada não está necessariamente mais perto da verdade do que uma mente simples.

Helena P. Blavatsky escreve na sua obra “Ísis Sem Véu”:

“O ceticismo, venha ele de um cérebro ignorante ou do cérebro de um sábio, é incapaz de

perturbar a imortalidade das nossas almas, se tal imortalidade é um fato, e de levá-las para a aniquilação *post mortem*. ‘A razão está sujeita ao erro’, diz Aristóteles; assim ocorre com a opinião, e o parecer pessoal do filósofo mais ilustrado está, com muita frequência, mais exposto a ser provado errôneo do que o vulgar bom senso do seu ignorante cozinheiro. Nos *contos do califa ímpio* Barrachias-Hassan-Oglu, o sábio árabe pronuncia um discurso prudente: ‘Evita, meu filho, louvar a ti mesmo’, diz. ‘É o mais perigoso, por causa da sua agradável intoxicação. Tira proveito da tua própria sabedoria, mas aprende a respeitar a sabedoria dos teus pais igualmente sábios. E lembra, meu amado, que a luz da verdade de Alá vai penetrar com frequência muito mais facilmente numa cabeça vazia do que numa que, estando cheia de conhecimentos, rejeita para o exterior o raio argentino por falta de espaço (...)’.” [1]

O sábio árabe mencionado acima diz que a verdade é recebida melhor numa mente vazia. Os preconceitos podem atuar como barreira que impede perceber a verdade.

Para aprender é preciso ter a mente aberta (o segundo degrau da escada de ouro).

Num texto, Carlos afirma:

“É impossível colocar chá numa xícara que está repleta com outra substância.”

“Se um estudante quer aprender teosofia, terá de esvaziar a si mesmo e a sua xícara. Deve renunciar a temas pessoais e sentimentos sobre assuntos mundanos, esquecendo questões materiais. E mesmo isso não basta: é preciso força de vontade e um agudo discernimento.” [2]

É preciso saber desaprender também, quando for necessário. Porque na nossa mente há ideias erradas, falsas. Há que desaprender aquilo que é falso para, depois, aprender aquilo que é verdadeiro (ou, pelo menos, um pouco menos falso).

Frequentemente, conceitos acertados sobre um tema estão misturados com conceitos errados. Luz e sombra ocorrem ao mesmo tempo. Separar o trigo do joio nem sempre é fácil, e muitas vezes a gente come o joio enquanto acha que está comendo o trigo.

Na luta da transformação alquímica da alma, o fogo cármico queima as ilusões. Esse processo pode estar acompanhado de sofrimento, mas é necessário renunciar às ilusões se quisermos fazer um progresso verdadeiro.

Um perguntas que o aprendiz pode colocar para si próprio:

“Em que medida quero avançar realmente no caminho espiritual? Será que eu gosto do apego a ilusões? Sou capaz de receber a verdade pura, e talvez incômoda para alguns setores do meu ser? Será que atuo sendo consciente de uma visão de longo prazo, de várias encarnações, tal como ensina a teosofia, ou esqueço isso e atuo como se deixasse de existir depois da morte do corpo físico?”

(Alex Rambla Beltrán)

NOTAS:

[1] Traduzido de “[Isis Sin Velo](#)”, volume I, p. 108.

[2] “[Os Sete Princípios da Consciência](#)”.

000

O teosofista espanhol Alex Rambla Beltrán é coeditor de “[El Teósofo Acuariano](#)” e associado da Loja Independente de Teosofistas. Uma versão anterior do texto acima foi tema de estudo da Loja Independente de Teosofistas em 2026.

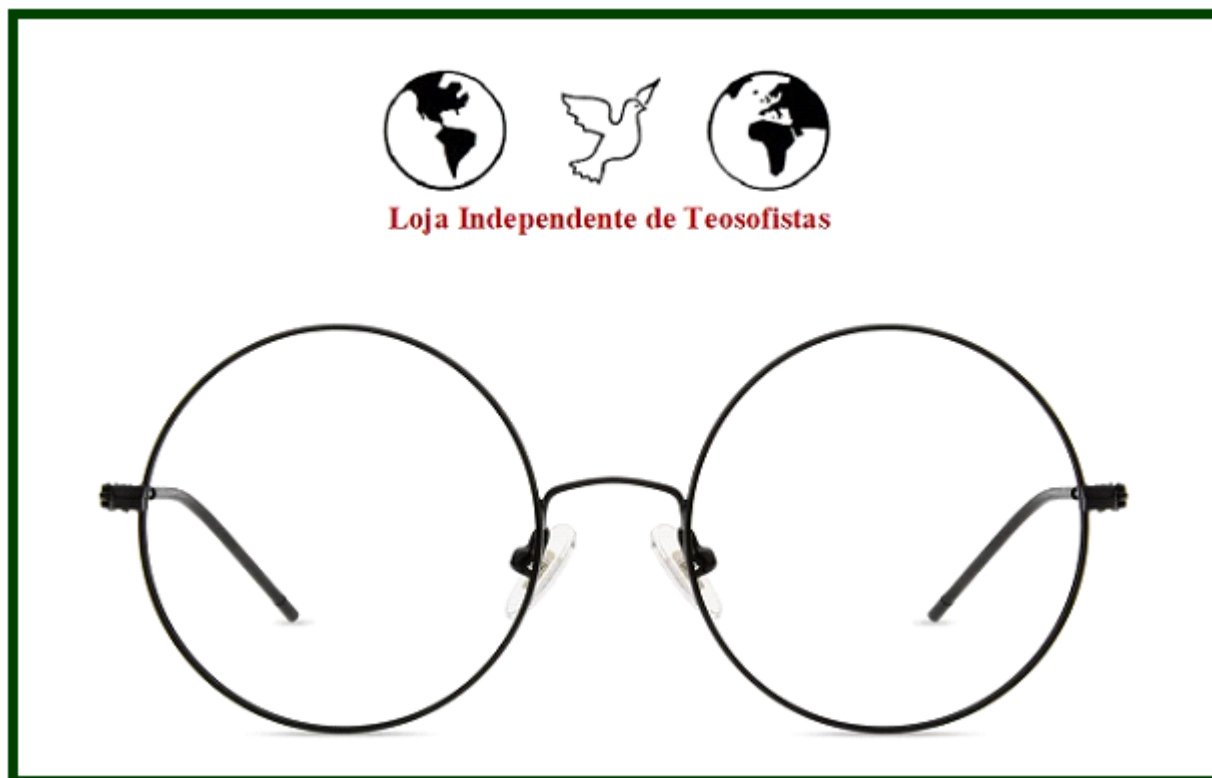
Veja os artigos “[O Restabelecimento do Reino de Israel](#)”, do Visconde de Figanière, e “[Fragmentos da Sabedoria Árabe](#)”, de CCA.

000

O Discernimento e o Bom Senso

A Jornada Espiritual Exige Aprendizado Constante

Silvia Caetano de Almeida



Quando uma pessoa tem seus interesses voltados para a Teosofia, é sinal de que ela está despertando para a Vida Una. No seu estágio atual sua atenção está mais voltada para as coisas que trazem contentamento para sua alma. Ela não visa mais apenas o seu próprio interesse, mas quer compartilhar com outras pessoas a sabedoria que pensa ter alcançado e lhe traz satisfação, para ajudar a minorar o sofrimento de seus irmãos de caminhada.

Entretanto, a busca espiritual não envolve crença cega, mas, isso sim, altruísmo, compaixão, discernimento, força de vontade e respeito por todos os seres, conforme estas palavras de Carlos:

“A existência de discípulos leigos inconscientes - almas que são observadas e ajudadas pelos Mahatmas sem que saibam sequer da existência deles - demonstra que o verdadeiro discipulado pouco ou nada tem a ver com algum sistema de crenças. O discipulado depende, isso sim, da pureza de coração do aprendiz. Depende da sua inteligência espiritual, da nobreza das suas intenções mais internas e do altruísmo do seu projeto de vida, não no plano externo, mas lá no âmago do seu coração, que é o que entra no campo de observação dos Mahatmas e dos seus discípulos mais avançados.”

“Por isso há pessoas que são discípulos e não sabem disso, e ao mesmo tempo há outros indivíduos que sabem da existência dos Mestres, desenvolvem uma ‘ vaidade espiritual ’ e se consideram discípulos, mas não o são. A vida é cheia de contrastes. Ter conhecimento sobre o caminho oculto e o discipulado é algo que ajuda alguns e atrapalha outros. Nessa questão, tudo depende do discernimento, do bom senso e da pureza de intenções.” [1]

Tornar-se digno de colaborar em alguma medida com o trabalho de nossos Irmãos Que Sabem Mais é a aspiração do teosofista sincero e altruísta. Ele sabe que isso envolve um longo tempo de aprendizado e também muitas provas que visam torná-lo apto para as tarefas das quais ele deverá sair vitorioso, libertando-se de sua ignorância.

Há um caminho que conduz à libertação. A Teosofia ilumina e prepara as pessoas para superar as dificuldades, transmutando-as, pelo amor do bem, em coragem, serviço altruísta e compaixão.

NOTA:

[1] Do texto “[O Caminho do Aprendizado - Parte II](#)”.

000

A teosofista goiana Silvia Caetano de Almeida é coeditora e revisora dos websites da Loja Independente de Teosofistas. Uma versão inicial do texto acima foi tema de estudo coletivo dos associados da Loja Independente de Teosofistas em 2026. Título original: “Um Longo Aprendizado”.

000

Leia o artigo

O Brasil Universalista:

<https://www.carloscardosoaveline.com/o-brasil-universalista/>

000

Consolidando o Centro de Paz

Há Uma Firmeza Inabalável no Contato Com o Que é Eterno

Joana Maria Ferreira de Pinho



O dia-a-dia coloca diversos desafios para testar não só a nossa capacidade de dar uma resposta às dificuldades, mas também de discernir entre o que pertence ao mundo interno e o que pertence ao mundo externo, sabendo bem o que está *dentro* da esfera do nosso domínio, e o que não podemos controlar.

Na vida do estudante de teosofia, tudo contém lições e cada acontecimento traz um amplo campo de aprendizado. As circunstâncias dão lições quando contrariam aquilo que esperávamos, pois assim é revelado o que ainda não dominamos em nós.

São muitos os imprevistos que vão surgindo ao longo da caminhada. Mais do que saber lidar com os imprevistos, é necessário saber lidar com nós mesmos perante os contratemplos que vão surgindo.

Quando somos confrontados com imprevistos no plano material, a tendência natural do eu inferior é reagir com ansiedade, resistência e um desejo de encontrar soluções imediatas. Criamos a ilusão de que, se lutarmos exaustivamente contra os imprevistos, recuperaremos o controle.

No entanto, a teosofia lembra-nos de que a ansiedade e o sofrimento não residem no contratempo em si, mas sim no choque entre a impermanência do mundo externo e o apego do eu inferior aos resultados idealizados. O sofrimento é muitas vezes, na verdade, a medida exata da nossa resistência à realidade.

Esta ideia é expressa no texto “O Poder da Vontade Espiritual”:

“Nunca é o obstáculo em si que nos atrapalha, mas o nosso desejo de que ele não estivesse lá.” [1]

A frase aponta para algo que nem sempre estamos dispostos a reconhecer. Muitas vezes, aquilo que nos perturba não é apenas a dificuldade que temos diante de nós, mas a nossa exigência interior de que ela não deveria existir. Queremos que a realidade seja diferente daquela que é e, enquanto lutamos contra esse fato, perdemos energia que poderia ser utilizada de maneira mais consciente e eficaz naquilo que realmente podemos transformar, em nós e também fora de nós.

Priorizando o Espaço Sagrado

Quando exigimos que o mundo seja perfeito para que possamos ter paz, condenamo-nos à constante instabilidade. Afinal, se a nossa paz depender de as circunstâncias corresponderem aos nossos desejos, estaremos sempre à mercê de acontecimentos que não controlamos.

Não basta questionar o que está a acontecer fora de nós. Precisamos investigar a nossa própria relação com aquilo que acontece. Como Carlos coloca em “A Consolidação da Vitória”:

“O que nos incomoda são as circunstâncias, de fato, ou será o nosso próprio modo de viver nelas?” [2]

Não se trata de negar a dificuldade, nem de fingir que aquilo que acontece não tem importância, mas sim de descobrir onde está verdadeiramente o trabalho que nos cabe realizar. Talvez não possamos modificar as circunstâncias, mas podemos modificar a maneira como nos colocamos diante delas. E é precisamente nessa esfera que começa o nosso verdadeiro domínio.

Quando o foco está nos acontecimentos, a energia é investida no território errado. Desgastamo-nos tentando moldar as circunstâncias, perdemos o fôlego tentando nadar contra a correnteza, podendo negligenciar o mais básico e o que não deve ser negligenciado - o nosso espaço interno sagrado. Nosso trabalho não está em controlar os eventos externos ou governar o mundo, sempre inconstante, das circunstâncias. Nascemos tendo como uma das principais tarefas o governo de nós próprios e do nosso reino interior.

Governar o nosso reino interior significa aprender a não entregar o comando da consciência aos movimentos do eu inferior.

O medo pode surgir sem que lhe entreguemos o leme do nosso barco. A revolta pode levantar-se sem que lhe entreguemos o poder da nossa vontade. O teosofista não nega as emoções inferiores, mas esforça-se para não permitir que elas governem suas ações.

As circunstâncias e as dificuldades por vezes podem ter um poder hipnótico. Ficamos tão obcecados com o problema exterior que nos tornamos prisioneiros dele. Devemos estar alertas para não nos deixarmos ser engolidos pelos acontecimentos.

A vida ensina que o silêncio e a calma são os melhores conselheiros.

Quando a Mente se Acalma, Surge a Luz

É quando as águas turvas da mente se acalmam que a luz da alma espiritual, a luz da inspiração, tem a chance de fazer seus raios trespassarem as profundezas do nosso ser, iluminando as sombras do medo, da insegurança e da incerteza com a clareza da verdade.

As soluções mais elevadas e as ideias claras não nascem do desespero ou do esforço mental forçado, mas sim da entrega à paz.

O crescimento espiritual não consiste em acabar com as tempestades do mundo, mas em permanecer sereno diante delas. As tempestades são necessárias. Elas limpam a atmosfera e testam as nossas fundações. É a serenidade que nos conduz à vida e à sabedoria. Só uma mente tranquila consegue ver as coisas como elas realmente são, e não como a ansiedade as apresenta.

Neste mundo cheio de soluções instantâneas para diversas questões materiais, é fácil cair na ilusão de que não há limites, que temos tudo solucionado à velocidade de um clique, que basta apertar num botão para termos respostas para as nossas dúvidas e soluções para os mais diversos problemas.

Essa cultura do imediatismo cria uma falsa sensação de onipotência. Esquecemo-nos de que os processos da alma exigem tempo, amadurecimento e silêncio. Devemos lembrar da quarta proteção do guerreiro da verdade, descrita por Carlos como “uma ausência de pressa na caminhada”. [3]

A alma não trabalha segundo a velocidade das máquinas. Quando se pensa que a vida funciona ao ritmo da tecnologia, vem a frustração. Cedo a vida mostra que não temos o poder de controlar o que está fora de nós. O mundo não gira da forma e ao ritmo que desejamos: o mundo gira como deve girar para que aprendamos.

A ansiedade nunca foi boa conselheira e, como Carlos escreve, “as ações ansiosas acabam por causar atrasos e perda de tempo.” [4]

Saindo da Posição de Vítima

Talvez uma das aprendizagens mais importantes seja justamente esta: nem tudo precisa ser imediatamente resolvido e nem tudo deve ser resolvido da forma como dita a ansiedade. Há situações que pedem ação, outras que pedem espera, algumas exigem uma resposta concreta, enquanto outras exigem apenas que saibamos permanecer serenos diante delas.

O caminho teosófico propõe que passemos de vítimas das circunstâncias a aprendizes conscientes da vida. Em vez de o peregrino perguntar apenas “como posso mudar esta situação?”, precisa colocar a seguinte pergunta:

“O que esta situação está a ensinar-me?”

É essa mudança de perspectiva que transforma o imprevisto, que antes era visto como um obstáculo, em um campo de aprendizagem, devolvendo ao ser humano aquilo que realmente está ao seu alcance: a liberdade de escolher como responder, a capacidade de manter a serenidade e a responsabilidade pelo próprio mundo interior.

A nossa verdadeira força não se mostra ao travar intensas lutas com o mundo externo. Ela é revelada na batalha silenciosa que travamos com nós próprios, com aquelas camadas do nosso eu inferior que são contrárias ao caminho da harmonia, como o orgulho que não aceita falhar e o medo que quer controlar o futuro. E a vitória não está em dominar as circunstâncias, mas, muitas vezes, em aceitá-las com toda a humildade de quem reconhece não ter poder sobre elas e com toda a coragem interior de quem decide, apesar delas, permanecer fiel ao seu propósito. É a coragem que se manifesta através do esforço silencioso e contínuo de transformar a si mesmo.

O guerreiro da verdade não procura eliminar todas as dificuldades do seu caminho. Aprende a utilizá-las para fortalecer aquilo que há de mais elevado em si próprio. Ao lado de uma dificuldade anda uma oportunidade. Cada vez que uma circunstância desperta medo, há a possibilidade de fortalecer a confiança e quando desperta revolta ela traz também a oportunidade de cultivar serenidade. E o desejo de controlar? Ao lado dele está a oportunidade de aprender a confiar na lei universal e no ritmo da vida.

As Circunstâncias Ensinam a Ser Forte

É assim que a experiência exterior se transforma em um trabalho interior. As circunstâncias podem não mudar, mas o indivíduo que as atravessa pode sair delas fortalecido e transformado interiormente.

O teosofista não tem como objetivo construir uma vida onde nada o perturbe. Permanecer no centro de paz e expandir esse centro até aos outros é a sua meta. Não podemos determinar o movimento das águas, mas podemos aprender a navegar com sabedoria pelo oceano da vida. Não podemos impedir que os ventos soprem e que as tempestades se levantem, mas podemos aprofundar as nossas raízes no céu, tornando-nos cada vez mais firmes naquilo que é eterno.

NOTAS:

[1] Do texto “[O Poder da Vontade Espiritual](#)”, de Carlos.

[2] Do artigo “[A Consolidação da Vitória](#)”, de Carlos.

[3] Do texto “[As Quatro Proteções do Guerreiro](#)”, de Carlos.

[4] De “[As Quatro Proteções do Guerreiro](#)”.

000

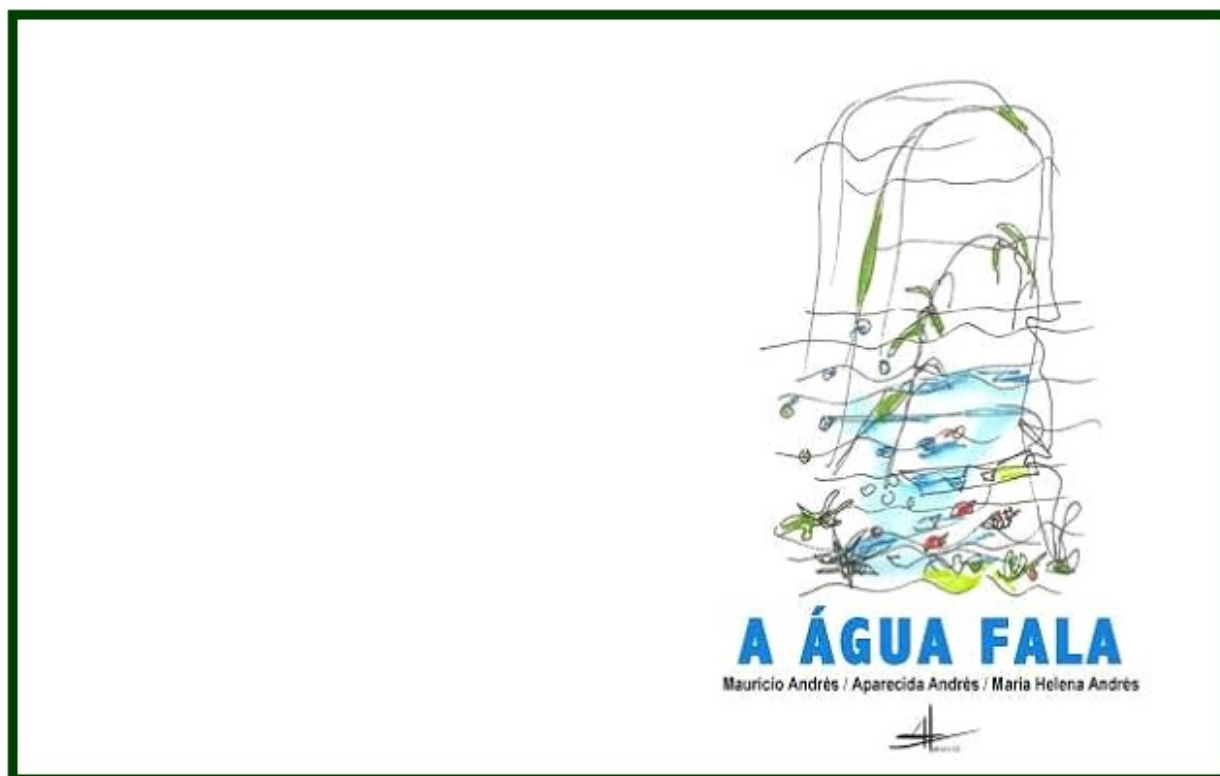
A teosofista portuguesa Joana Maria Ferreira de Pinho é coeditora de “[O Teosofista](#)”, “[The Aquarian Theosophist](#)” e “[El Teósofo Acuario](#)”. Uma versão anterior do texto acima foi tema de um dos estudos semanais da Loja Independente de Teosofistas em 2026.

000

Palestras Sobre Hidrosafia - 5 (Final)

Uma Síntese: A Teoria e a Prática da Hidrosafia

Maurício Andrés Ribeiro



Hidrósofo é aquele que bebe um copo d'água com gratidão

Abertura: O Que Há no Seu Copo?

Quando você bebeu um copo d'água hoje pela manhã, o que você viu?

Provavelmente, apenas água. Mas eu lhe pergunto: será que você não viu também o derretimento de uma geleira nos Andes? A transpiração de uma árvore na Amazônia que virou rio voador? A mesma molécula que já passou pelo corpo de um peixe há mil anos?

Nós somos, literalmente, água que aprendeu a sentir, a pensar e a sonhar. Cerca de 70% do nosso corpo é água. E a história da humanidade é a história da água tentando entender a si mesma. Mas há um problema: nós nos esquecemos disso.

O Diagnóstico: Falência Hídrica

Em 2026, um relatório da ONU cunhou um termo que ecoa como um alarme: **falência hídrica**.

Não é apenas crise ou escassez. É um diagnóstico mais profundo: uma desconexão radical entre nós e a água. Abrimos a torneira e a água jorra - mas não sabemos de onde veio, que nascente foi protegida ou degradada. Compramos água engarrafada e perdemos a conexão com o ciclo sagrado.

Construímos cidades que se inundam com a chuva. Represas que violentam o desejo do rio. Poços que sugam o silêncio dos aquíferos. E a água, paciente, aceitou ser “recurso”, aceitou ser “número”, aceitou ser dejetado nos canos do progresso.

Essa é a **hidroalienação**: a ilusão de que estamos separados do ciclo, de que somos senhores quando somos apenas uma passagem entre o oceano e o céu.

A Resposta: Hidrosafia

Mas esta palestra se recusa a aceitar um tal diagnóstico como veredito final. Ele é uma resposta. Uma ponte sobre o abismo.

Apresento a vocês um novo conceito: **Hidrosafia**.

Vem do grego: *hydro* (água) + *sophia* (sabedoria). Não substitui a hidrologia - precisamos dos dados, das medições. Mas a hidrosafia pergunta: **qual é a nossa relação com a água?** Ela integra ética, cultura, espiritualidade, arte. Recupera o entendimento dos povos originários, que sempre enxergaram os rios como entes vivos. Escuta a ciência, que mostra que somos 70% água. E nos propõe algo radical: uma **visão hidrocêntrica**.

Não o ser humano no centro. Não a vida no centro. Não o ecossistema no centro. Mas a **água como o próprio agente de conexão** - o meio onde a vida evolui e floresce.

A Pirâmide da Hidrosabedoria

Visualizem comigo uma pirâmide de quatro degraus:

Na base: **DADOS** - “Choveu 20 milímetros.”

Acima: **INFORMAÇÃO** - “A média histórica é 25. Estamos 5 abaixo.”

No terceiro degrau: **CONHECIMENTO** - “Com essa chuva, os reservatórios vão atingir 60% da capacidade.”

No topo: **SABEDORIA** - “Vamos usar com consciência, garantindo que haja para todos - comunidades, agricultores, peixes, futuras gerações. Vamos proteger as nascentes.” A sabedoria - o ápice - é o território da Hidrosafia. É ela que nos permite discernir como viver em harmonia com os ciclos da água.

A Civilização Hidrocêntrica

O que estamos propondo é uma **metamorfose civilizatória**.

A **Civilização Hidrocêntrica** coloca o ciclo integral da água como princípio organizador da vida individual e coletiva. Ela vai além da abordagem antropocêntrica, biocêntrica ou ecocêntrica. Isso significa:

- * **No urbanismo:** cidades-esponja, telhados vivos, ruas permeáveis.
- * **Na agricultura:** agro-hidrologia regenerativa, florestas reconhecidas como cultivos de água.
- * **No direito:** personalidade jurídica para rios, aquíferos, oceanos.
- * **Na política:** governança por bacias hidrográficas, não por fronteiras artificiais.
- * **Nos valores:** justiça hídrica, coragem líquida, moderação que aprende com os limites dos aquíferos.

A Era Hidrosófica

E mais além: propomos imaginar uma nova era na história natural. Superamos a era Cenozoica - a era dos mamíferos - e o seu período denominado antropoceno devido à dominância dos seres humanos, para caminhar rumo à **Era Hidrosófica** - uma era inspirada pela sabedoria das águas.

A era em que a sabedoria (*sophia*) encontra a água (*hydro*). O ponto de inflexão onde a humanidade alinha sua cultura, economia e espiritualidade ao princípio organizador mais fundamental do planeta: o ciclo integral da água.

Os Mutirões das Águas

Mas uma sabedoria que não se traduz em ação é estéril. É aqui que a Hidrosófia encontra seu braço prático: os **Mutirões das Águas**.

A palavra “mutirão” vem do tupi *mbo 'tira* - ajuda mútua, trabalho coletivo por um bem comum. No Brasil tradicional, vizinhos se reuniam para construir uma casa, limpar um terreno, plantar uma roça. Todos juntos, sem patrão, movidos pelo propósito compartilhado. Inspirados pelo “Mutirão do Clima” da COP-30 em Belém, transportamos esse conceito para as águas.

O que são os Mutirões das Águas? São ações colaborativas para cuidar de todo o ciclo: da proteção de nascentes e aquíferos à despoluição de rios e oceanos, passando pelo saneamento, educação e monitoramento comunitário.

Quem participa? Todos:

- Governos, com poder de regular e fiscalizar
- Empresas, com inovação e investimento
- Sociedade civil, com organização e mobilização
- Povos indígenas e comunidades tradicionais, com saberes milenares
- Cientistas, professores, agricultores, estudantes
- Cada um de nós, com nossos hábitos e nossa consciência

Tipos de Mutirões:

- Presenciais: limpeza de rios, recuperação de nascentes, plantio de matas ciliares
- Digitais: campanhas de conscientização, plataformas colaborativas
- Educacionais: hidroalfabetização nas escolas, como o projeto “Esse rio é meu”

- Emergenciais: salas de crise para secas, enchentes, desastres

Exemplos reais: o Projeto Manuelzão, que recupera a bacia do rio das Velhas em Minas Gerais; as Comissões Locais de Águas no semiárido, que pactuam a alocação de água de forma negociada; a resistência de povos indígenas contra a dragagem do rio Tapajós.

Convocação Final

Os Mutirões das Águas já começaram. Não esperam por leis ou cúpulas. Começam em cada um de nós, neste instante.

Não há tarefa pequena. Cada nascente protegida é uma canção. Cada rio despoluído é um poema. Cada gota que poupamos é um oceano que começa a nascer em nossas mãos. Porque a água que defendemos lá fora é a mesma que corre em nossas veias. Cuidar do rio é cuidar de nós mesmos.

Que possamos, cada um, tornar-nos **hidrósofos** - pessoas que não apenas usam a água, mas que a entendem, respeitam e honram.

Que a sabedoria das águas nos ilumine. Que os mutirões nos unam. E que as fontes da vida continuem a fluir - límpidas, abundantes, generosas - para todas as formas de vida, hoje e no futuro.

Vamos nessa correnteza?

000

Glossário

Mutirões

Mutirão: Uma forma de trabalho colaborativo e voluntário, onde um grupo de pessoas se reúne para realizar uma tarefa no benefício comum, geralmente de forma gratuita e com um forte senso de comunidade. É uma prática tradicional de ajuda mútua.

Mutirão do Clima: Iniciativa que reúne voluntários, comunidades, governos e organizações para realizar ações práticas de combate às mudanças climáticas. Exemplos incluem plantio de árvores em larga escala, mutirões de limpeza, recuperação de áreas degradadas, redes de pesquisas científicas e oficinas de educação ambiental.

Mutirões das Águas: Ações colaborativas focadas na preservação, recuperação e gestão sustentável das águas. Podem envolver a limpeza de rios e nascentes, recuperação de matas ciliares, desassoreamento de córregos e conscientização sobre o uso responsável da água, pesquisas científicas sobre o ciclo integral da água.

Eras Geológicas

Era Paleozoica: Era geológica que se estendeu de cerca de 541 a 252 milhões de anos atrás. Conhecida como a “era da vida antiga”, testemunhou a explosão de vida nos mares, a

colonização dos continentes por plantas e animais, e o surgimento dos primeiros répteis. Termina com a maior extinção em massa da história da Terra.

Era Mesozoica: Era geológica que durou de aproximadamente 252 a 66 milhões de anos atrás. Conhecida como a “era dos dinossauros”, foi o período em que esses répteis gigantes dominaram a terra, os mares e os céus. Também foi marcada pelo surgimento das primeiras aves e mamíferos. Encerrou-se com um evento de extinção em massa (provavelmente um asteroide) que dizimou os dinossauros não-aviários.

Era Cenozoica: Era geológica que começou há cerca de 66 milhões de anos e se estende até os dias atuais. Conhecida como a “era dos mamíferos”, é o tempo em que os mamíferos se diversificaram e se tornaram a fauna dominante após a extinção dos dinossauros. Inclui o surgimento e a evolução dos primatas e da espécie humana.

Eras e Conceitos propostos (Filosóficos, Culturais e Futuristas)

Era Ecozoica: Termo cunhado pelo teólogo e ecologista Thomas Berry e por Brian Swimme para descrever uma era futura, onde os seres humanos aprenderiam a viver em uma relação mutuamente benéfica com a comunidade da Terra, em contraste com a atual era de destruição.

Era Eremozoica: (do grego eremos, “deserto”) Um conceito hipotético expressado pelo biólogo E.O Wilson, que se refere a uma era de solidão ou isolamento, possivelmente num contexto pós-humano ou de grande solidão cósmica.

Era Psicozoica: Um termo que coloca a mente e a psique humana como a força geológica dominante, mas com foco no impacto psicológico e cultural da humanidade sobre o planeta.

Era subjetiva: Era definida por Sri Aurobindo em que a experiência subjetiva, a consciência e a percepção interna são as principais forças modeladoras da realidade ou a principal característica.

Era biológica: Um termo amplo que pode se referir a qualquer período da história da Terra onde a vida (biosfera) é a característica dominante.

Era espiritual: Conceito que descreve uma época em que a espiritualidade, os valores transcendentais e a conexão com o sagrado são o principal motor da civilização humana e de sua relação com o planeta.

Era glacial: Período de longo prazo na história da Terra em que a temperatura global é significativamente mais baixa, resultando na expansão das calotas polares e das geleiras continentais. A Terra já passou por várias eras glaciais.

Era Tecnozóica: Conceito que descreve uma era geológica proposta na qual a tecnologia (inteligência artificial, robótica, nanotecnologia) se torna a força dominante no planeta, moldando a geologia, a ecologia e a sociedade.

Era Hidrosófica: era na qual a sabedoria na relação com a água (Hidrosófia) é o princípio central, hidrocêntrico, da organização social, econômica e espiritual, reconhecendo a água como o ambiente original em que florescem as vidas e elemento fundamental e sagrado para elas.

Perspectivas e Cosmovisões

Egocêntrico: Visão de mundo que coloca o próprio “eu” (ego) no centro de todas as coisas, priorizando os interesses, desejos e necessidades individuais acima dos demais e do coletivo.

Antropocêntrico: Visão de mundo que coloca o ser humano no centro de tudo, considerando a natureza e os demais seres como recursos a serem utilizados para o benefício e bem-estar da humanidade.

Biocêntrico: Visão de mundo que coloca a vida (em todas as suas formas) no centro das considerações éticas e morais. Todos os seres vivos têm um valor intrínseco e merecem consideração, independentemente de sua utilidade para os humanos.

Ecocêntrico: Visão de mundo que coloca o ecossistema como um todo (a comunidade ecológica, incluindo seres vivos e seu ambiente) no centro do valor moral. O bem-estar do sistema como um todo é a principal preocupação.

Geocêntrico: Visão de mundo que considera a Terra como o centro do universo (modelo ptolomaico). Atualmente, também pode se referir a uma perspectiva que coloca os processos e sistemas terrestres (geologia, clima) como forças primordiais a serem consideradas.

Heliocêntrico: Modelo astronômico que coloca o Sol no centro do sistema solar, com a Terra e os outros planetas orbitando ao seu redor (modelo copernicano).

Hidrocêntrico: Perspectiva que coloca a água como o elemento central e mais importante. Pode referir-se a uma visão de mundo, a políticas de gestão ou a uma filosofia onde a água é o ambiente fundamental para a vida e fundamento da organização social.

Conceitos Relacionados à Água

Hidrologia: A ciência que estuda a água na Terra, sua ocorrência, circulação, distribuição, propriedades físicas e químicas, e sua interação com o meio ambiente e com os seres vivos. É uma ciência aplicada, fundamental para a gestão de recursos hídricos.

Hidrosafia: (do grego hydro, “água” + sophia, “sabedoria”) É a “sabedoria das águas”. Refere-se a um conhecimento profundo e integrado sobre a água, que vai além da ciência (Hidrologia) e incorpora dimensões filosóficas, espirituais, culturais, artísticas, estéticas e éticas. Busca compreender a água não apenas como um recurso, mas como um elemento sagrado e vital que conecta todos os aspectos da existência.

000

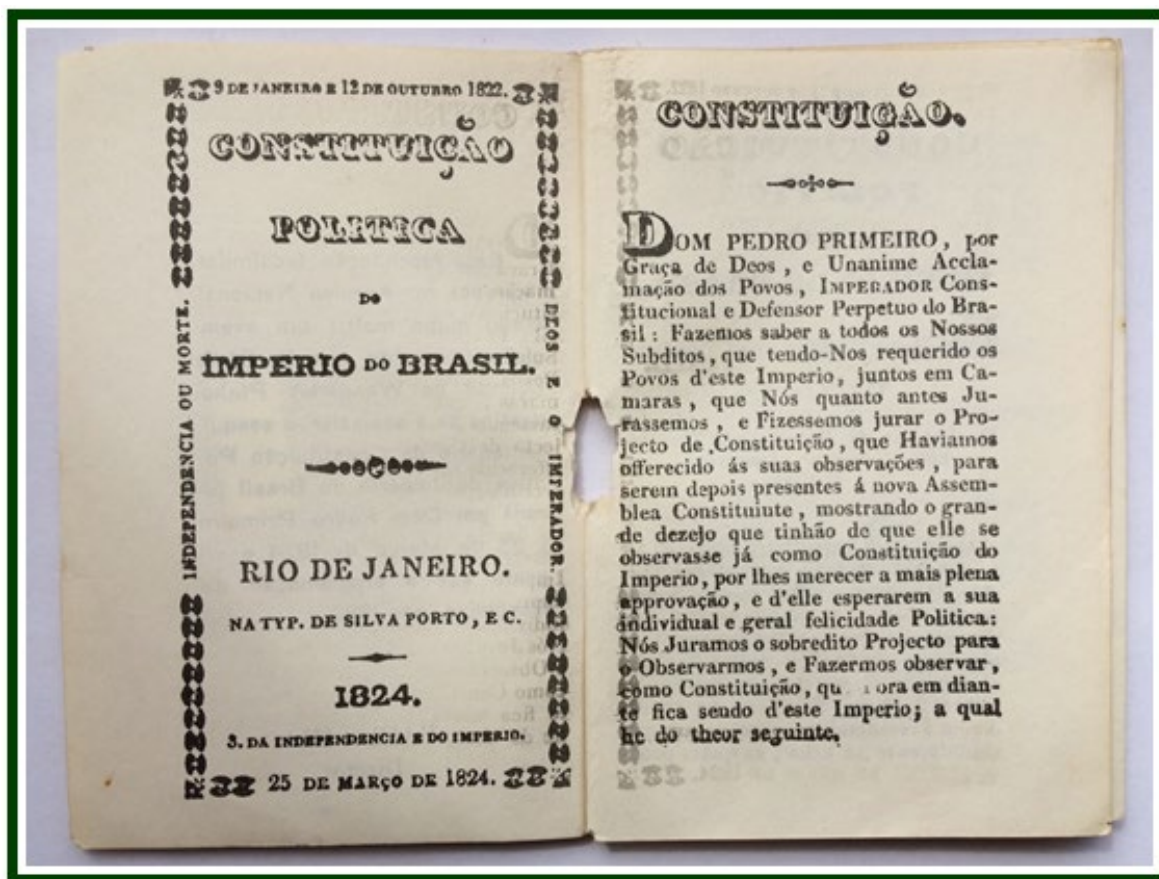
Está terminada a presente série de artigos sobre Hidrosafia. A primeira parte foi publicada na edição de maio de 2026 de “[O Teosofista](#)”. A segunda, na edição de [junho](#). A terceira parte está na edição de [julho](#). A quarta parte, na edição de [agosto](#).

Clique para ver outros textos de [Maurício Andrés Ribeiro](#).

000

O Evangelho da Ética no Brasil

Um Líder Verdadeiro é Guiado Por Sua Própria Consciência do que é Certo e Errado



Não sei se alguém já escreveu uma História da luta pela Ética no Brasil. Não seria má ideia. E talvez seja oportuno perguntar, antes de tudo:

“De onde vêm o sentimento de ética que tantos cidadãos têm, e sua vontade de agir corretamente?”

Rui Barbosa foi um dos pensadores brasileiros mais influentes no final do século 19 e início do século 20. Ele escreveu o seguinte, sobre o centro de paz e de sabedoria que há no interior da consciência humana:

“... O coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida. Há, nele, mais que um assombro fisiológico: um prodígio moral. É o órgão da fé, o órgão da esperança, o órgão do ideal. Vê, por isso, com os olhos da alma, o que não veem os olhos do corpo. Vê ao longe, vê em ausência, e até no infinito vê.”

[Clique Para Continuar a Leitura:](#)

O Evangelho da Ética no Brasil

Ideias ao Longo do Caminho

Humildade, Ação Correta e Equilíbrio



1. Fazer a Coisa Certa

* O hábito de fazer o bem e perdoar os outros é parte da sabedoria que buscamos. Alguém disse que “a vida é demasiado curta para perder tempo em conflitos”. Sem dúvida, quando lembramos do fato de que a vida física não é eterna, podemos focar mais facilmente naquilo que realmente interessa.

* Bons pensamentos e boas ações duram, e os seus efeitos permanecem.

* A cada momento estamos rodeados de valiosas oportunidades para agir em sintonia com a nossa alma imortal. É sempre útil perguntar a nós mesmos: “*qual é a maneira mais correta de usar o meu tempo hoje?*”

2. A Filosofia da Humildade

* No processo prático de aprender teosofia, é importante examinar o tipo de paz interior que tentamos produzir. Será realista?

* Uma constante produção de bem-estar e equilíbrio na alma é necessária para contrabalançar a natural chegada a nós de experiências probatórias - testes, perigos e contratempos.

* A tranquilidade permite ter confiança e uma dose razoável de contentamento. Mas o estado de alma tranquilo é em grande parte um resultado da humildade. Se tivermos uma imagem excessivamente inflada de nós mesmos, ou exigirmos demasiado do nosso esforço, atrairemos mais problemas do que somos capazes de resolver.

* A tradição mística cristã diz que a humildade é nosso escudo, e a teosofia explica que isso acontece porque ela tende a reduzir o eu inferior a zero. Ao aceitar a derrota, ficamos mais livres para trabalhar para o melhor, sem apego a expectativas de possíveis resultados.

* A humildade e uma visão modesta de nós mesmos nos protegem da dependência de alguma incerta “grande vitória futura”.

* A insegurança em torno da obtenção de metas pessoais produz problemas desnecessários. Ao desinflar o eu inferior, nós desinflamamos os problemas diante de nós, passando a enfrentar com mais realismo o desafio de alcançar a nossa meta básica, livres de expectativas exageradas.

3. A Eficiência Energética

* Qual é a melhor maneira de usar a energia vital? Para conhecer a resposta, precisamos levar em conta os nossos deveres de curto e de longo prazo para com a nossa própria alma imortal, em primeiro lugar, e em relação aos outros seres.

* O uso correto da vitalidade deve estar presente o tempo todo em nossa consciência. [1]

* A cada ano que passa, é aconselhável reexaminar as nossas prioridades, de modo a usar com mais sabedoria a força vital, reduzir o desperdício, aumentar a eficiência e evitar tensões desnecessárias.

* Poderíamos examinar esta questão a cada mês, e a cada semana.

* Ao final de um ciclo de 24 horas, uma revisão das nossas ações é altamente recomendável. A “confissão diária” diante da nossa consciência constitui uma bênção que se renova sempre.

* O estudo teosófico e o trabalho altruísta são benéficos a curto prazo. A combinação destes dois fatores nos dá uma percepção lúcida da vida aqui e agora. Mas eles nos beneficiam ainda mais quando fazem parte de um projeto de longo prazo que se desenvolverá por toda a encarnação atual. A combinação da teosofia com o altruísmo melhora as nossas perspectivas para as futuras encarnações: seus benefícios alcançam milhares de anos à frente.

* Entre as medidas práticas que podemos adotar está a consolidação aqui e agora do centro de paz que existe dentro da nossa alma. *Para isto, cabe aceitar em primeiro lugar as nossas imperfeições. É preciso reconhecer a natureza modesta da nossa vida.* A sabedoria está em avançar firmemente na busca do ideal, sem pressa, com uma visão de longo prazo do processo de autoaperfeiçoamento. (CCA)

NOTA:

[1] Há um artigo sobre o emprego eficiente da força vital: “[O Uso das Nossas Energias](#)”.



Loja Independente de Teosofistas

“Um grupo ou loja, ainda que pequeno, não pode ser uma Sociedade teosófica --- a menos que todos os seus membros estejam magneticamente ligados uns aos outros pela mesma maneira de pensar pelo menos em uma direção ...”.

H. P. Blavatsky

Imagem reproduzida do original manuscrito da Carta C (100) in “Letters of H. P. Blavatsky to A. P. Sinnett”, T. U. P., Pasadena, California, USA, p. 222:

A group or branch however small, cannot be a theosophical Society - unless all the members in it are magnetically bound to each other, by the same way of thinking at least in some one direction

(Uma cópia completa do original da Carta foi obtida da British Library pelos fundadores da LIT)

000

Transcrição em inglês do fragmento acima:

“A group or branch, however small, cannot be a theosophical Society - unless all the members in it are magnetically bound to each other, by the same way of thinking at least in some one direction...”.

000

EVITE INTERMEDIÁRIOS.

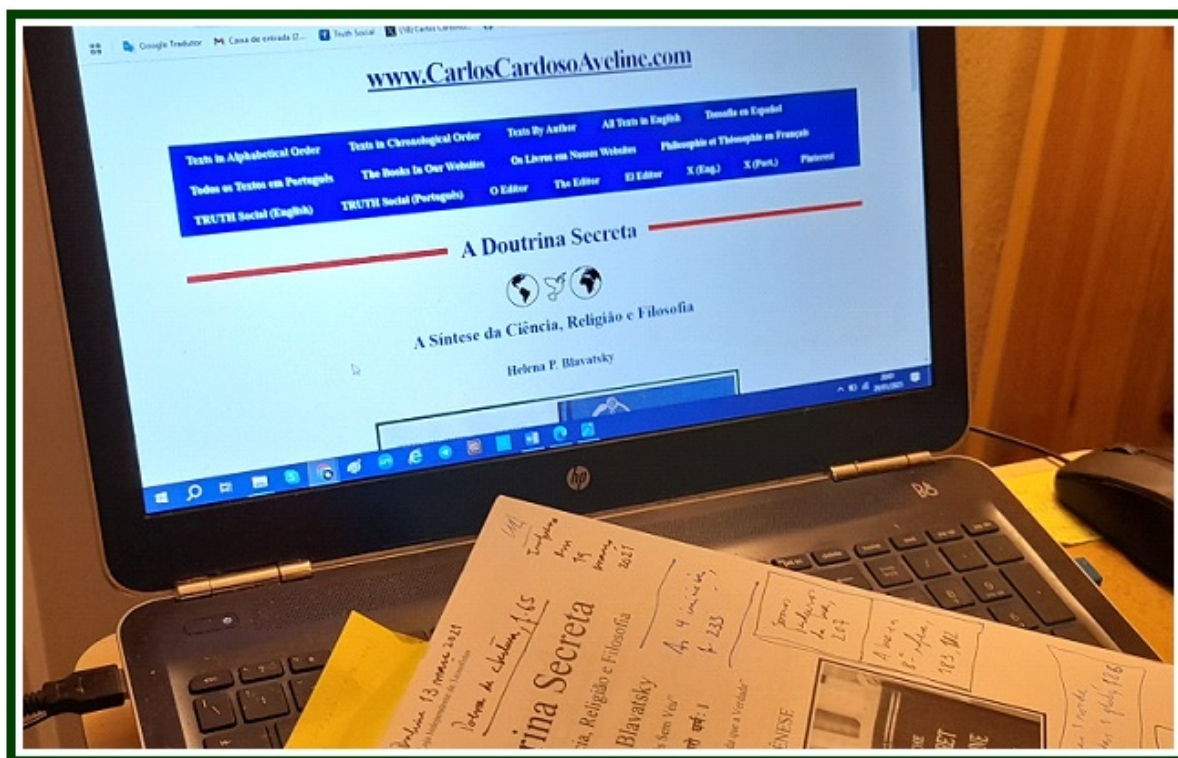
Construa o seu próprio acesso direto à sabedoria eterna. Ingresse no SerAtento, em Google Groups, e expanda o seu horizonte a cada dia: <https://groups.google.com/g/seratento>.

000

O Divino Hermafrodita¹

Modos de Reprodução da Humanidade Espiritual: Um Trecho de *A Doutrina Secreta*

Helena P. Blavatsky



Um véu impenetrável de segredo foi lançado sobre os mistérios ocultos e religiosos ensinados depois da submersão da última parte remanescente da raça Atlante, cerca de 12.000 anos atrás, para que eles não chegassem aos indignos, sendo assim profanados. Várias destas ciências agora se tornaram exóticas - como a Astronomia, por exemplo, no seu aspecto puramente matemático e físico. Como resultado, os seus dogmas e princípios, estando todos em linguagem simbólica e tendo sido colocados sob a guarda exclusiva da parábola e da alegoria, foram esquecidos, e o seu significado foi distorcido. No entanto, encontramos o hermafrodita nas escrituras e tradições de quase todas as nações; e por que haveria uma concordância tão unânime, se a ideia fosse apenas uma ficção?

¹ A respeito do texto que começa aqui, cabe destacar que um Mestre de Sabedoria escreveu: “A luz que (...) virá (...) ao mundo em geral, quando este descobrir a verdade e apreciar de fato as verdades subjacentes a este vasto problema do sexo, será como ‘a luz que jamais brilhou em terra ou no mar’, e terá de chegar aos homens através [do Movimento Teosófico]”. O Mahatma se refere precisamente ao ensinamento que “A Doutrina Secreta” transmite sobre o processo de reprodução dos seres humanos. Veja o artigo “[Como a Mulher Ilumina o Futuro](#)”. (Nota do Tradutor)

É este segredo que levou a Quinta Raça ao estabelecimento, ou melhor, ao restabelecimento dos mistérios religiosos, nos quais as antigas verdades poderiam ser ensinadas para as novas gerações sob o véu de alegorias e simbolismos. Contemplemos a imperecível testemunha da evolução das raças humanas desde as raças divinas, e especialmente desde a Raça andrógina -; a Esfinge Egípcia, o mistério das Idades! A Sabedoria Divina encarnando na Terra, e forçada a provar do fruto amargo da experiência pessoal da dor e do sofrimento, gerados à sombra da árvore do conhecimento do Bem e do Mal - um segredo conhecido inicialmente apenas pelos Elohim, os AUTOINICIADOS, “*deuses mais elevados*”, na Terra apenas. ²

No Livro de Enoque nós temos Adão ³, o primeiro andrógino divino, dividindo-se em homem e mulher, e transformando-se em JAH-HEVA em uma forma, ou *Raça*, e Caim e Abel ⁴ (macho e fêmea), em sua outra forma ou *Raça* - o Jehovah ⁵ de dois sexos - um eco do seu protótipo ariano, Brahmâ-Vach. Depois disso vêm a Terceira e a Quarta Raças-Raízes da humanidade ⁶ - isto é, Raças de homens e mulheres, ou indivíduos de sexos opostos, não mais semiespíritos sem sexo e andróginos, como foram as duas Raças que as precederam. Este fato é sugerido em todas as Antropogonias. É encontrado em fábulas e alegorias, em mitos e Escrituras *reveladas*, em lendas e em tradições. Porque, entre todos os grandes Mistérios herdados pelos Iniciados desde uma antiguidade distante, *este é um dos maiores*. Ele explica o elemento bissexual encontrado em todas as divindades criadoras, em Brahmâ-Viraj-Vach, assim como em Adão-Jeová-Eva, e também em “Caim-Jeová-Abel”. Porque “O Livro das Gerações de Adão” nem mesmo menciona Caim e Abel, mas diz apenas: “Macho e fêmea ele os criou e lhes deu o nome de Adão”. (*Gênesis*, 5: 2) ⁷ E o Livro então prossegue dizendo: “E Adão teve um filho *à sua própria imagem* e semelhança, e deu-lhe o nome de Seth.” (*Gen.*, 5:3); depois disso ele gera outros filhos e filhas, provando assim que Caim e Abel são suas próprias permutações alegóricas. Adão representa a primitiva raça *humana*,

² Veja o “*Livro de Enoque*”. (Nota de H. P. Blavatsky)

³ Assim como Brahmâ e Marte, Adão (Cadmon) é o símbolo do *poder gerador e criativo*, simbolizando a Água e a Terra - um segredo alquímico. “É preciso Terra e Água para criar uma alma humana”, disse Moisés. Marte é o *Mangala* hindu, o planeta Marte, idêntico a *Kartikeya*, o “Deus-da-Guerra”, nascido de *Gharma-ja* (o *suor* de Shiva) e da Terra. Ele é Lohita, o vermelho, como também Brahmâ e Adão. O Marte hindu, tal como Adão, não nasce de nenhuma mulher ou mãe. Para os egípcios, Marte era o *Princípio gerador primordial*; e Brahmâ, no ensinamento exotérico, e Adão, na Cabala, são a mesma coisa. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁴ Abel é Chebel, o que significa “Dores do Parto”, concepção. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁵ Veja “*Ísis Sem Véu*”, Ed. Pensamento, SP, Vol. IV, p. 45. Em inglês, [*Isis Unveiled, volume II*](#), p. 398. Ali Jeová é mostrado como sendo a união de Adão e Eva; e *Hevah*, e Abel, a *serpente feminina*. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁶ “*Ísis Sem Véu*”, Ed. Pensamento, Vol. II, p. 20: “A união destas duas raças produziu uma *terceira raça*”, etc. Em inglês, [*“Isis Unveiled, Volume I”*](#), p. 305. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁷ Nesta ocasião como em outras citações, HPB usa a King James Bible (Bíblia do Rei Jaime), a versão clássica e prestigiosa da Bíblia (do ano de 1611) que é coerente com a Bíblia original judaica, e preserva os elementos esotéricos e místicos perdidos nas versões modernas do texto. (Nota do Tradutor)

especialmente no seu sentido cósmico-sideral.⁸ O mesmo não acontece, porém, no seu significado teo-antropológico. O nome composto de Jeová, ou *Jah-Hovah*, significando *vida masculina* e vida feminina - inicialmente andrógina, e mais tarde separada em dois sexos - é usado neste sentido no *Gênesis* desde o capítulo cinco em diante. O autor de “The Source of Measures” afirma (p. 159): “As duas palavras que compõem o nome Jeová formam a ideia original de macho-fêmea, como originadores do nascimento”; porque a letra hebraica *Jod* era o *membrum virile*, e *Hovah* era Eva, a mãe de tudo o que vive, a procriadora, a Terra e a Natureza. O autor acredita, portanto, que “Vê-se que *o ser perfeito*” (o perfeito círculo feminino ou *Yoni*, 20612, numericamente), “como *originador de medidas*, assume também a forma de origem *do nascimento*, como um *Hermafrodita*; daí o uso e a forma fálica.”

Precisamente; acrescente-se apenas que “a forma e o uso fálicos” surgiram longas eras mais tarde; e o significado primeiro e original de Enos, o filho de Seth, era a Primeira *Raça* do modo costumeiro atual, de um homem e uma mulher - porque Seth não é um homem, mas uma *raça*. Antes dele a humanidade era hermafrodita. Embora Seth seja (fisiologicamente) o primeiro resultado depois da QUEDA, ele também é o *primeiro homem*; por isso o seu filho Enos é mencionado como o “Filho do Homem”. (*Veja mais adiante*.) Seth representa o *período final* da Terceira Raça.

Para proteger o mistério do nome de AIN-SOPH, o Ilimitado e Infinito *Nada* ⁹ - os cabalistas apresentaram o *atributo*-denominação de um dos Elohim pessoais criadores, cujo nome era *Yah* e *Jah*, sendo que as letras *i, j*, e *y* eram intercambiáveis, ou *Jah-Hovah*, isto é, *macho* e *fêmea* ¹⁰; *Jah-Eve*, um *hermafrodita*, ou a *primeira forma da humanidade*, o Adão original da Terra, nem mesmo *Adão Cadmon*, cujo “filho nascido-da-mente” é o Jah-Hovah terrestre, misticamente. E sabendo disso, o perspicaz rabino-cabalista tornou este nome tão secreto que ele não poderia divulgá-lo, mais tarde, sem revelar o sistema ¹¹ todo; e assim foi obrigado a torná-lo *sagrado*.

Só uma comparação entre a Bíblia e os Puranas pode mostrar até que ponto vai a identidade entre Brahmâ-Prajapati e Jeová-Sefiotes, entre Brahmâ-Viraj e Jeová-Adão. Analisados e lidos desde o mesmo ponto de vista, eles oferecem provas claras de que são duas cópias do mesmo original - feitas em dois períodos muito distantes um do outro. Em relação a isso, compare mais uma vez o *Gênesis*, capítulo 4, versículos 1 e 26, com *Manu*, I, e ambos revelarão os seus significados. Em *Manu* (Livro I, 32), Brahmâ, que é ao mesmo tempo homem e deus, e divide o seu corpo em macho e fêmea, permanece em seu significado esotérico, tal como faz Jeová ou Adão na Bíblia, em relação à personificação simbólica do poder criador e *gerador*, tanto divino quanto humano. O Zohar dá provas ainda mais convincentes da identidade, enquanto alguns rabinos repetem palavra por palavra algumas

⁸ As primeiras raças eram “angelicais”, isto é, não físicas, mas divinas, e por isso não tinham diferenciação sexual. (Nota do Tradutor)

⁹ No original em inglês, “*No-Thing*”, literalmente *Nenhuma Coisa*, sendo que a palavra *Nothing*, sem o hífen, significa “Nada”. (Nota do Tradutor)

¹⁰ *Jod* na Cabala tem como símbolo a mão, o dedo indicador e o *linga*, enquanto numericamente ele é o ser perfeito; mas é também o número 10, macho e fêmea, quando dividido. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹¹ Sistema - o sistema de preservação do sagrado contra o profano. (Nota do Tradutor)

expressões originais purânicas; por exemplo, a “criação” do mundo é geralmente considerada nos livros bramânicos como sendo a Lila, a delícia ou o esporte, o divertimento do Supremo Criador, “Vishnu, sendo assim substância, espírito e tempo tanto diferenciados como indiferenciados, pratica esporte como um menino brincalhão que se diverte contente.” (*Vishnu Purana*, Livro I, Cap. II.) Agora compare isso com o que é dito no livro “Nobelet Hokhmah”: “Os Cabalistas dizem que o começo da existência dos mundos ocorre através do processo da *delícia*, pelo fato de que Ain-Soph (?) *regozijou-se* em Si mesmo, e relampejou e resplandeceu desde Si mesmo para Si mesmo que são todos chamados de delícia”, etc. (Citado em “*Qabbalah*”¹², de Isaac Myer, p. 110). Assim, esta não é uma “ideia curiosa dos Cabalistas”, como o autor citado acima afirma, mas uma ideia puramente purânica e ariana. Porém, por que fazer de Ain-Soph um Criador?

O “Divino Hermafrodita” é portanto Brahmâ-Vach-Viraj, e entre os semitas, ou mais precisamente entre os judeus, ele é Jeová-Caim-Abel. A diferença é que os “pagãos” foram, e são, mais sinceros do que foram os israelitas e rabinos posteriores, os quais inegavelmente sabiam o real significado da sua divindade exotérica. Os judeus consideram o nome dado a eles - Yah-oudi - como um insulto¹³. No entanto eles têm, ou teriam se o quisessem, o direito igualmente inegável de chamar a si mesmos de antigos Yah-oudi, “Jah-hovianos”, assim como os brâmanes têm direito de chamar a si mesmos de brâmanes, *com base na sua divindade nacional*. Porque Jah-hovah é o nome genérico daquele grupo, ou hierarquia, de anjos planetários criadores, sob cuja estrela a nação judaica evoluiu. Ele é um dos *Elohim* planetários do grupo regente de Saturno. Só o verso 26 do Cap. 4 do *Gênesis*, quando lido corretamente, dá a eles este direito, porque ele chama a nova raça de homens, nascida de Seth e Enos, de *Jeová*, algo bastante diferente da tradução dada na Bíblia: “E a Seth, a ele também nasceu um filho; e ele deu-lhe o nome de Enos: então começaram os homens a chamar a si mesmos de *Jah* ou Yah-hovah”, isto é, *homens e mulheres*, os “senhores da criação”. Basta ler o versículo mencionado acima no texto hebraico original, e à luz da Cabala, para descobrir que, ao invés das palavras que aparecem na tradução de hoje, trata-se do seguinte: “Então os homens começaram a *chamar a si mesmos de Jeová*”, que é a tradução correta, e não “Então os homens começaram a chamar pelo nome do Senhor”, já que esta última é uma tradução falsa, seja deliberadamente ou não. Novamente, a bem conhecida passagem que afirma: “Obtive um homem do Senhor”, deveria ler-se: “Obtive um homem, igual a Jeová.”¹⁴ Lutero traduziu esta passagem de uma maneira, e os católicos romanos de outra maneira muito diferente. O bispo Wordsworth a apresenta do seguinte modo: “Caim - *Eu consegui* Kaim, de *Kanithi*, eu consegui.” Lutero: “Eu consegui um homem - o Senhor mesmo” - (Jeová); e o autor de “The Source of Measures”: “Eu *medi um homem*, igual a Jeová.” Esta última é a versão correta, porque (a) um famoso rabino, um Cabalista, explicou para a autora esta passagem precisamente da mesma maneira, e (b) porque esta versão é idêntica à versão da

¹² Veja a obra “[Qabbalah](#)”. (Nota do Tradutor)

¹³ No século 19 os judeus podiam de fato ver a palavra “judeu”, que os designa, como uma ofensa e uma ameaça. Porque naquela época a palavra era usada como insulto. No século 21, no entanto, por exemplo em Israel, os judeus sentem orgulho de serem chamados de judeus, porque têm meios de impor respeito e de evitar serem massacrados, ao contrário do que ocorria nos séculos anteriores. Que Blavatsky era amiga do judaísmo fica claro, por exemplo, pelo fato de que algumas linhas mais adiante ela conta que consultou um “famoso rabino, um Cabalista”, sobre o capítulo 4 do Gênesis, confiando no testemunho dele. (Nota do Tradutor)

¹⁴ Veja “Source of Measures”, p. 277. (Nota de H. P. Blavatsky, revisada por Boris de Zirkoff)

Doutrina Secreta do Oriente em relação a Brahmâ. Em “Ísis Sem Véu”¹⁵, foi explicado pela autora que “Caim é o filho do ‘Senhor’, não de Adão (*Gênesis*, IV, 1)”. O “Senhor” é Adão Cadmon, o “pai” de *Yodcheva*, “Adão-Eva”, ou Jeová, o filho do pensamento pecaminoso, não a progênie de carne e osso. Seth, por outro lado, é o *líder e progenitor das Raças da Terra*; porque ele é o filho de Adão, exotericamente, mas esotericamente ele é a progênie de Caim e Abel, já que Abel ou Hebel é uma fêmea, a contraparte e a metade feminina do macho Caim, e Adão é o nome coletivo para o homem e a mulher: “macho e fêmea (*Zachar va Nakobeh*) ele os criou e lhes deu o nome de Adão”. Os versículos do *Gênesis* desde o capítulo I até o capítulo V estão propositalmente misturados por razões cabalísticas. Depois do HOMEM do *Gênesis*, Capítulo I, 26, e de *Enos*, Filho do Homem, do capítulo IV, versículo 26, depois de Adão, o primeiro Andrógino, depois de Adão Cadmon, o (primeiro) *Logos sem sexo*, e uma vez que Adão e Eva estão separados, vêm finalmente Jeová-Eva e Caim-Jeová. Estes representam diferentes Raças-Raízes, porque decorreram entre eles milhões de anos.

Assim, as Teo-Antropografias ariana e semítica são duas folhas no mesmo caule; as suas respectivas personificações e personagens simbólicos se relacionam entre si da seguinte maneira.

I. O *Incognoscível*, mencionado de várias maneiras em versos do *Rig Veda*, tais como “Não havia coisa alguma”¹⁶, chamado, mais tarde, de “Parabrahm”; o אֵין (*Ain*, nada, ou o “Ain Soph” dos Cabalistas), e novamente, o “Espírito” (de Deus) que se movimenta sobre a face das águas, no *Gênesis*. Todos estes são *idênticos*. Além disso, no *Gênesis*, Capítulo 1, o versículo 2 é colocado como versículo 1 nos textos Cabalísticos *secretos*, onde ele é seguido pelos *Elohim* “criando o Céu e a Terra”. Esta mudança deliberada na ordem dos versículos foi necessária em função de propósitos *monoteístas* e Cabalistas. A maldição de Jeremias contra aqueles Elohim (deuses) que *não haviam criado* os Céus e a Terra (*Jeremias*, capítulo X, versículo 11), mostra que havia outros Elohim que tinham criado.

II. O “Celestial” *Manu-Swayambhuva*, que surgiu de Swayambhu-Narayana, o “Autoexistente” e o Adão Cadmon dos Cabalistas, e o HOMEM andrógino do *Gênesis*, capítulo I, são também *idênticos*.

III. *Manu-Swayambhuva* é Brahmâ, ou o Logos; e ele é Adão Cadmon, que, em *Gênesis*, IV, 5, se divide em duas metades, macho e fêmea, tornando-se assim Jah-Hovah ou Jehovah-Eva; assim como *Manu Swayambhuva* ou Brahmâ se divide para tornar-se Brahmâ-Viraj e Vach-Viraj, macho e fêmea; todo o resto dos textos e versões são apenas *pistas falsas ou disfarces*.

IV. Vach é a filha de Brahmâ e é chamada de *Sata-Rupa*, “aquela que tem cem formas”, e de *Savitri*, “a geratriz”, a mãe dos deuses e de todos os seres vivos. Ela é *idêntica* a Eva, “a mãe (de todos os senhores ou deuses ou) de todos os seres que vivem”. Além deste há muitos outros significados ocultos.

¹⁵ “Ísis Sem Véu”, Ed. Pensamento, SP, vol. III, p. 234 e seguintes; em inglês, [Isis Unveiled, volume II](#), p. 264 e seguintes. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁶ Veja a abertura das Sete Estâncias no início da Parte I do Volume I da presente obra. (Nota do Tradutor)

O que está escrito em “*Ísis*”, embora disperso e na época expressado de forma muito cautelosa, é correto.

Explicando esotericamente a roda de Ezequiel ¹⁷, afirma-se ali o seguinte sobre Jodhevah ou Jeová:

“Quando a Trindade é examinada no início do Tetragrama, ela expressa a criação divina *espiritualmente*, sem qualquer pecado carnal; quando é encarada na sua extremidade oposta, ela expressa este último: é feminina. O nome de Eva é composto de três letras, o nome do Adão primitivo ou celestial é escrito com uma única letra, Jod ou Yod; portanto não deve ser lido como Jeová, mas como Ieva, ou Eva. O Adão do primeiro capítulo é o Adão espiritual, portanto puro, andrógino, Adão Cadmon. Quando a mulher sai da costela esquerda do segundo Adão (do pó) a *Virgem* pura se separa, e, caindo ‘na geração’, ou no ciclo inferior, torna-se Escorpião, emblema do pecado e da matéria. Ao passo que o ciclo ascendente assinala as raças puramente espirituais, ou os dez patriarcas antediluvianos, os Prajapatis e os Sefiotes são conduzidos pela própria divindade criadora, que é Adão Cadmon, ou Yodheva. Espiritualmente, o que é inferior (Jeová) é o das raças terrestres, conduzidas por Enoque ou *Libra*, o sétimo; que, por ser semidivino, semiterrestre, teria sido tomado com vida por Deus. Enoque, Hermes e Libra são um só.”

Este é apenas um dos vários significados. Não há necessidade de dizer ao erudito que *Escorpião* é o signo astrológico dos órgãos de reprodução. Assim como os Rishis indianos, os Patriarcas todos podem ser convertidos em seus números, e são também intercambiáveis. Conforme o assunto com o qual eles se relacionam, eles se tornam dez, doze, sete ou cinco, ou mesmo *catorze*, e eles têm o mesmo significado esotérico que os *Manus* ou Rishis. Além disso, Jeová, conforme pode ser demonstrado, tem uma variedade de etimologias, mas só são *verdadeiras* as etimologias encontradas na cabala. יהוה (*Ieve*) é o termo no Velho Testamento, e era pronunciado como *Ya-va*. Inman sugere que é uma contração das duas palavras יהוה *Yaho-Iah*, *Jaho-Jah*, ou *Jaho* é *Jah*. Pontuado, é יהוה ; o qual é, no entanto, um capricho rabínico para associá-lo com o nome de *Adoni* ou אדני, que tem os mesmos pontos. É curioso, e de fato praticamente inconcebível, que os judeus antigamente lessem o nome יהוה (*Adoni*), quando eles tinham tantos nomes dos quais faziam parte *Jeho* e *Jah* e *Iah*. Mas é verdade, e Fílon de Biblos, que nos dá o chamado fragmento de Sanconiáton, escreveu-o em letras gregas, Ἰεζω, *Javo*, ou *Jevo*. Teodoreto diz que os Samaritanos pronunciavam como *Yahva*, e os judeus, *Yaho*. O professor Gibbs, no entanto, sugere a sua pontuação da seguinte maneira: יהוה (*Ye-hou-vih*); e ele corta o nó górdio do seu verdadeiro significado oculto. Porque nesta última forma, como verbo hebraico, o termo significa “ele vai - ser”. ¹⁸ Ele também é derivado do verbo caldaico ܝܗܘ ou ܝܗܝ, *eue* (*eve*) ou *eua* (*Eva*) “ser”. E assim foi de fato, porque só depois de *Enos*, o “Filho do Homem”, as raças verdadeiramente humanas começaram a “existir”, como machos e fêmeas. Esta

¹⁷ “Ísis Sem Véu”, Ed. Pensamento, SP, vol. IV, p. 98; O texto da citação em português foi revisado para a presente edição da DS. Em inglês, [Isis Unveiled, volume II](#), pp. 462-463. (Nota de H. P. Blavatsky, ampliada pelo tradutor)

¹⁸ Veja, para comparação, Oseias, XII, 6, onde ele está pontuado desta maneira. (Nota de H. P. Blavatsky)

afirmação recebe mais uma corroboração na medida em que, como Parkhurst define o significado do verbo  como: 1) “cair” (isto é, cair na geração ou na matéria), e 2) “Ser, continuar” - como uma *raça*. O som aspirado da palavra *eua* (Eva), “ser”, é  *Heve* (Eva), que é o feminino de  e o mesmo que Hebe, a deusa grega da juventude e noiva olímpica de Héracles, e faz com que o nome Jeová apareça ainda mais claramente na sua forma primitiva de dois sexos.

Ao ver no sânscrito sílabas como *Jah* e *Yav*, por exemplo, *Jah* (*navi*) “Ganges” e *Jagan-natha*, “Senhor do Mundo”, fica claro por que motivo o sr. Rawlinson está tão seguro em suas obras de uma influência *Ariana* ou *Védica* sobre a mitologia primitiva da Babilônia. Tampouco é motivo de grande perplexidade o fato de que as supostas dez tribos de Israel tenham desaparecido durante o período de cativo sem deixar traços, quando somos informados de que os Judeus tinham na verdade apenas duas tribos, a de *Judá* e a de *Levi*. Os *levitas*, além disso, não eram uma tribo, de modo algum, mas uma casta sacerdotal. Os descendentes apenas seguiram o caminho dos seus progenitores, os vários Patriarcas, até desaparecer no fino ar sideral. Havia de fato *Brahms* e *A-brahms* nos dias de antigamente, e antes do nascimento do primeiro judeu. Todas as nações consideravam o seu primeiro deus como sendo andrógino; e não poderia ser de outro modo, já que viam os seus distantes progenitores primordiais, seus ancestrais de sexo dual, como Seres divinos e Deuses, assim como fazem os chineses até hoje. E eles eram divinos em um sentido, assim como a sua primeira progênie humana, a primitiva humanidade “nascida-da-mente”, cujos membros eram sem a menor dúvida bissexuais, conforme mostram todos os símbolos e tradições mais antigos. “Sob os instrumentos simbólicos e fraseologia peculiar dos sacerdotes antigos, há indicações latentes de ciências ainda não descobertas durante o ciclo atual. Por mais familiarizado que um erudito possa estar com os escritos hieráticos e o sistema hieroglífico dos egípcios, ele precisa em primeiro lugar aprender a perceber o que é importante nos seus registros. Antes de aventurar-se a uma interpretação, ele tem que obter a certeza, com a régua e o compasso na mão, de que a escrita pictográfica que ele está examinando é coerente em cada detalhe com *certas figuras geométricas fixas* que constituem as chaves ocultas de tais registros.”

“Mas há mitos que falam por si mesmos. Nesta classe podemos incluir os primeiros criadores, de sexo duplo, de todas as Cosmogonias. O grego Zeus-Zen (Aether), Ctônia (a Terra caótica), e Métis (Água), as suas esposas; Osíris e Ísis-Latona - sendo que o deus anterior também representa Aether, a primeira emanção da Suprema Divindade, Amon, a fonte primordial de Luz; a deusa Terra e novamente a Água; Mitrás, o deus nascido da rocha, símbolo do fogo mundano masculino, ou a luz primordial personificada; e Mitra, a deusa do fogo, ao mesmo tempo sua mãe e sua esposa; o puro elemento do fogo (o princípio ativo ou masculino) visto como luz e como calor, em conjunção com a Terra e a Água, ou Matéria, o elemento feminino ou passivo da geração cósmica” - todos estes são registros do divino Hermafrodita primordial.

000

O texto acima foi traduzido por CCA, com ajuda de diversos teosofistas vinculados à LIT, diretamente da edição original de 1888 de “[The Secret Doctrine, Volume II](#)”, pp. 124-130. Clique [aqui](#) para ver a parte já publicada em português da *edição original* de [A Doutrina Secreta](#).

000

A Construção Silenciosa

Pequena Oração: um Campo Magnético de Respeito Pela Vida



Loja Independente de Teosofistas



**Desvia de ti a falsidade da boca, e
afasta de ti a perversidade dos lábios.**

Provérbios, 4:24

Faço votos de que os leitores dos textos da LIT formem cada dia com mais força um círculo magnético de boa vontade.

Que cada amigo da LIT permaneça livre da doença da má vontade e deseje o bem a todos.

Tudo ao nosso redor é um espelho em que nós nos olhamos - sabendo ou não disso -, e sobre o qual projetamos pedaços da nossa alma.

O que vai, volta. Aquilo que mandamos para os outros fica secretamente para nós. O que repartimos, recebemos. Quem planta bons ventos colhe paz.

A verdade pode ser amarga na superfície. A verdade profunda, porém, transcende os dramas pessoais, ilumina a alma e a liberta da ignorância e do sofrimento. *Vida plena, viver em plenitude*, é o que desejamos aos nossos leitores - e é o que compartilhamos com eles.

Abandonando ilusões, renascemos. A vida se purifica a cada momento.

Não há nada mais luminoso do que o otimismo, quando ele nasce de uma intenção honesta, busca o mais elevado, *e persevera*. O que é o progresso espiritual? O progresso espiritual é a plenitude da alma em meio às limitações do mundo externo.

(Carlos Cardoso Aveline)

